

As «Sátiras» de Juvenal

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "As «Sátiras» de Juvenal", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 149-153.

AS «SÁTIRAS» DE JUVENAL

FALÁAMOS, na última semana, de um grande poeta epigramático, incomparável na arte da concisão e da mordacidade, que nos deixou pequenos e saborosos quadros da vida em Roma no seu tempo. Mas, se quisermos uma pintura mais ampla — uma série de painéis — dessa mesma sociedade, teremos de recorrer à obra de um contemporâneo daquele Marcial de quem falámos; teremos, enfim, para dizer tudo já de uma vez, de recorrer à obra de Décimo Júnio Juvenal, que até nós chegou como autor de dezassete sátiras e que em todas elas, ou quase todas, mostrou possuir inegavelmente muito maior fôlego que o autor dos *Epigramas*, embora não tivesse, de modo algum, tanta malícia e tanta graça como ele.

Cerca de vinte anos mais novo que Marcial, Juvenal terá nascido, consequentemente, por volta do ano 60 da nossa era — vindo a morrer, segundo se presume, entre 130 e 140. Pelo que da sua obra se depreende, deve ter passado necessidades e humilhações muito semelhantes àquelas por que passou o próprio Marcial — que aliás se lhe refere, com amizade, num dos seus epigramas. Mas, enquanto Marcial aceita, com sorridente fatalismo — é um ibérico, não o esqueçamos — a sua triste condição de «parasita» dos poderosos, Juvenal, pelo contrário, *indigna-se* contra essa dependência a que se vê forçado — e de tal «indignação» faz o «motor» da própria obra:

*Não faz falta sequer a inspiração:
a indignação agora forja os versos.*

Assim exclama ele na sua primeira sátira, onde largamente explica os motivos que o levam a escrever poesia (devia andar então à roda dos quarenta anos) e onde afirma claramente que a matéria da sua obra lhe há-de ser fornecida por aquilo que vê, sugerindo, do mesmo passo, que tudo aquilo que vê lhe provoca indignação:

*Tudo que os homens fazem sob o império
da cobiça, do medo, da volúpia,
da cólera, do gozo, da ambição,
há-de ser a matéria deste livro...*

*Quando houve, aliás, tal abundância
de vícios? Quando foi que a avariza
mais largamente encheu a sua bolsa?
Quando houve, do jogo, almas tão 'scravas?*

E trata, a seguir, de condenar a excessiva abundância de uns tantos, em terrível contraste com a excessiva penúria de quase todos, ora chamando a atenção para casos concretos (o de um homem, por exemplo, que perde ao jogo cem mil sestércios e que não é sequer capaz de dar uma túnica a um dos seus escravos que morre de frio), ora lançando-se em comparações com épocas mais remotas — para concluir, por exemplo, que no tempo dos antepassados não se construía tantas casas de campo nem as refeições habituais se compunham de sete pratos diferentes... Tudo isto se encontra na Sátira I de Juvenal.

Mas a mais curiosa de todas talvez seja a Sátira III, onde ele «canaliza» a sua indignação contra a vida da cidade — a vida de Roma —, considerando-a «culpada» de quantos males afligem os homens. Usa ele aí o estratagema de pôr as queixas na boca de um amigo, que decide para sempre ausentar-se de Roma, por não ser capaz de pactuar com a hipocrisia e com a desonestidade ali reinantes e por sentir-se, sobretudo, perfeitamente inútil, em virtude de tal incapacidade:

*Mas que pretendes tu que faça eu em Roma?
Não sei sequer mentir: um livro, quando é mau,
não o posso louvar, nem o desejo ler...
Como não sei tão-pouco ajudar os ladrões,
não há nunca ninguém que peça o meu auxílio:
é como se afinal eu nem tivesse mãos,
como se fosse, enfim, um pobre paralítico...*

Mais adiante, insurge-se Juvenal — sempre pela boca do tal amigo — contra os ruídos da cidade, o congestionamento do trânsito (já nesse tempo!) e as mil e uma contrariedades a que está exposto o desgraçado peão... Esta é, sem dúvida, a parte mais pitoresca de toda a sátira:

*Morre-se aqui de insónia. E fica-se doente
com as más digestões, que nos deixam o estômago
em acidez ardendo... Onde encontrar um sítio
propício para o sono? É que só os mais ricos
poderão afinal dormir nesta cidade.
E é isto que nos mata. E que dizer do aperto
p'los carros provocado em as ruas estreitas,
do rebanho ruidoso e que não mais avança,*

*capazes de acordar mesmo aqueles que sofrem
da doença do sono? Apenas quem é rico
é que pode sem custo, em liteira fechada,
aí ler, e escrever, e dormir à vontade,
chegar aonde quer antes de toda a gente...
Nós, que vamos a pé, temos de suportar
a torrente de quem caminha à nossa frente
e a torrente de quem nos empurra p'las costas:
aqui, um cotovelo; ali, uma fásquia;
este me dá c'um pau, aquele com um vaso;
e tenbo as pernas já salpicadas de lama;
e ora esmagado o pé por uma saporra,
ora fendido o pé p'lo ferro de um soldado!*

Talvez nem valha a pena observar — de tal modo a coisa é patente — que a grande novidade de uma poesia como esta reside justamente no seu realismo, no seu prosaísmo, na sua coragem em ir ao encontro do quotidiano e do concreto, e em exprimi-los da maneira mais franca, sem recorrer ao véu das alusões mitológicas. Sob este aspecto, a poesia de Juvenal representa uma extraordinária conquista na evolução da poesia europeia; e tão grande foi ela que só viria a ser retomada episodicamente, até que o realismo do século passado lhe desse, enfim, definitiva carta de cidadania. Como, por outro lado, hão-de ter sentido, esse realismo não se mostra de modo algum incompatível com uma sub-reptícia expressão de «humor» que só de quando em quando se manifesta com maior nitidez, como acontece, por exemplo, ainda dentro da mesma sátira, no trecho seguinte:

*Agora considera outra ordem de p'rigos,
aos quais principalmente a noite nos expõe:
se uma telha cair destes altos telhados,
em que estado nos deixa o crânio, em que estado!
E repara também nos vasos e nos cacos
lançados, em geral, daí, dessas janelas:
olha os fundos sinais que deixam no empedrado.
E razão terá quem te chamar negligente,
se jantar fora vais... sem fazer testamento!*

Convém provavelmente recordar, a propósito deste trecho, que as habitações em Roma atingiam frequentemente a altura de quatro e de cinco andares e que tem sido possível, a partir do exame de certas ruínas, *imaginar* o aspecto que teriam determinadas habitações, «reconstituí-las» mesmo de acordo com a

sua presumível traça primitiva... Daqueles telhados cairiam telhas frequentemente; daquelas janelas arremessar-se-iam cacos sobre a via pública: era pois um perigo andar nas ruas, sobretudo de noite. E não teremos dúvidas também que deveria ser ensurdecedor o ruído dos carros, com rodas duríssimas, nas ruas empedradas: basta que nos lembremos de certas artérias de Pompeia, ainda hoje bem conservadas (e que tinham passeios, aliás; e passagens para os peões). Juvenal era, pois, um poeta moderno e a sua obra parece-nos miraculosamente perto de nós, porque a Roma em que ele vivia também não está tão distante como às vezes supomos...

Outra notável característica da sua poesia é a extraordinária aptidão que ele tem para entremear o fruto das suas observações visuais com reflexões de carácter moral e social, expressas geralmente em formas lapidares. Na mesma Sátira III, a que nos temos estado a referir, irrompem, de quando em quando, conceitos como este:

*Só de quanto dinheiro houver na vossa arca
depende a confiança a que tereis direito.*

E este outro, tanto mais pungente quanto supomos que o próprio Juvenal, cuja situação deve ter sido por vezes bastante precária, estaria com certeza, neste momento, principalmente a pensar no seu caso:

*O que a pobreza tem afinal de mais duro:
dar a qualquer pessoa um aspecto ridículo.*

Há todavia uma sátira de Juvenal — é a sexta, contra as mulheres — que de maneira alguma eu gostaria de apresentar aqui, para não retirar ao poeta o sufrágio do público feminino. E não só por isso: também porque essa sátira, na sua generalidade, é francamente infeliz, de tão injusta que se mostra. Aliás, em inúmeros passos da sua obra, Juvenal, bem mais do que «indignado», parece-nos, sobretudo, azedo e ressentido: o seu «humor», ao contrário do de Marcial, raramente é «bom humor»; é muito mais humor de um homem «humoral» que humor de um humorista... Por outro lado, tem sido já observado por vários críticos que a sua coragem de poeta satírico é muito relativa: ele prefere, com efeito, em vez de atacar os vivos, atacar antes os que já morreram... Mas isto, que é sem dúvida uma falha sob o aspecto moral, de maneira alguma afecta o intrínseco valor artístico da sua obra. Quando ele, por exemplo, na referida sátira contra as mulheres, ataca impiedosamente a figura de Messalina, pouco nos deve importar que Messalina, nessa altura, já tenha morrido há muito; o que devemos apreciar é o extraordinário relevo do retrato que dela nos apresenta. E tão extraordinário é esse relevo que se torna impossível evocá-lo aqui...

Misógino e xenófobo (isto é: hostil às mulheres e hostil aos estrangeiros), terrivelmente conservador sob inúmeros aspectos, Juvenal revolta-se, no entanto, contra todas as formas de credice e de superstição, dando-nos a esse respeito, na Sátira X, uma lição de extrema limpidez sobre aquilo que nos é permitido pedir aos deuses e sobre aquilo que é necessário pedirmos antes a nós próprios. É lá que se encontra a expressão «Espírito são em corpo são» («*Mens sana in corpore sano*») que repetimos ou ouvimos repetir constantemente, sem sabermos ou sem nos lembrarmos que foi Juvenal (mais uma das suas fórmulas lapidares!) quem a fabricou e pôs em circulação. Mas vale a pena evocarmos precisamente esse trecho da Sátira X:

*O que importa pedir é termos sempre
espírito são dentro de um corpo são;
e ainda uma alma enérgica, liberta
do vão terror da morte, na certeza
de que o termo da vida é afinal
uma dádiva mais da natureza.*

*Mostro-te assim o que a ti podes dar:
numa vida tranquila apenas conta
como caminho a estrada da virtude.
Não tens sequer valor, tu, ó Fortuna,
se o bom senso estiver do nosso lado,
pois só por nós, Fortuna, o céu é teu
e esse nome de Deusa te foi dado!*